

Por amor, desejo ou dinheiro? Estudos acerca do uso do corpo e seus significados na contemporaneidade.

Allyson da Silva Prata¹

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Compreender e perceber os reais significados das práticas sexuais pode nos levar a diversos caminhos que nos façam analisar a história da sexualidade através de um prisma historiográfico. Isso porque, ao estudar o respectivo assunto, nos deparamos com diversos momentos de nossa história onde as práticas sexuais se encontravam em volta de variados discursos, onde a repressão e a marginalidade sempre se encontraram em destaque, delimitando que seria ou não correto nas busca pelo prazer.

E ao percorrer esses caminhos, nos deparamos com particularidades que fazem com que a história da sexualidade seja assim, tão complexa. Digo complexa no sentido que é um assunto que deve levar em consideração as “formas” que a envolvem, os agentes envolvidos e a época em que cada discurso é propagado. Onde não podemos esquecer de analisar que todos esses fatos estão entrelaçados, e ditando como pode ser a realidade sexual, seja em qual espaço temporal esteja localizada.

Neste trabalho, trataremos dos aspectos sexuais presentes na história contemporânea. Nisso, tenho o intuito de discorrer sobre as visões sexuais presentes na atualidade, destacando que o termo sexualidade, só veio a ser utilizado após o século XIX, merece um estudo especial_ além de tratar sobre os discursos repressivos, a influência cristã, a marginalidade dedicada aos que decidiam o domínio do próprio corpo e as demais relevâncias que estiveram presentes quando o assunto era o prazer carnal.

Para que o objetivo seja alcançado, é necessário que analisemos como se dá o exercício carnal, e suas relações com o *eu* e o *outro*, a família, os governos, a Igreja,

¹

¹Allyson da Silva Prata é aluno de graduação da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. enfim, toda sociedade. E desta maneira, ver o que continua marginalizado e o que mudou, como também o que, mesmo com a modernidade e a globalização, ainda não permite ser visto com naturalidade pelas populações.

Assim, é interessante trabalhar aspectos que estão presentes na história da sexualidade, no ato sexual. Me refiro às suas práticas, ou seja, as formas que se obtém o prazer de acordo com cada desejo pessoal. Falo da hetero e homoafetividade, prostituição, relações de sexo individual (masturbação), sexo praticado em grupos, *voyeurismo* e diversas outras formas de sentir prazer que são recorrentes em nossa história.

E essas práticas, que são marginalizadas pela sociedade, foram ganhando espaço em meio à busca pelo prazer. E ao passar por diversos séculos, foram se revestindo e ganhando novos significados, onde o homem/mulher “puderam” reinventar o prazer, onde muito passou a ser “permitido”, comercializado e buscado, em uma nova estrutura sexual que nos dias de hoje, ganham destaque.

E o que se pode dizer e compreender sobre essa nova estrutura sexual? Será que essa nova estrutura existe? Os agentes em questão, se automarginalizam? E a sociedade, está pronta para comportar tais exercícios carnais de forma bestializada?

Então, é de suma importância a análise da história da sexualidade, algo está tomando a atenção de diversos historiadores que buscam estudar tal polêmico assunto da história cultural. E o objetivo principal de nosso estudo, é discorrer sobre os caminhos que tomaram as práticas sexuais.

Mas, para que isso possa ocorrer de maneira satisfatória, precisamos recorrer aos estudos já existentes de outros autores que analisam como assunto. No meu caso, além de pesquisar sobre o estudo de sociólogos e outros historiadores, aprofundei minhas leituras no que dizia Michel Foucault², filósofo francês, atentando para o seu discurso em relação às práticas sexuais. Assim, ao ler algumas das suas obras, melhor pude compreender como podemos tratar sobre esse tão polêmico, que toma atenção de diversos estudiosos e leigos na nossa atualidade.

²Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês que escreveu diversas obras. Entre elas, a História da Sexualidade, que dividida em três obras, não foi concluída devido a sua morte. Os estudos de Foucault se

situam dentro de uma filosofia do conhecimento, onde também trata os dispositivos da loucura e da sexualidade.

Tratar de assuntos relacionados à sexualidade nos remete a diversos momentos da história. Momentos que podem ser distintos, mas que por vez, também possuem muitas semelhantes. Semelhanças estas que estão principalmente descritas quando falamos das perseguições e marginalidades que sofreram os que estavam “fora” dos costumes tradicionais que remetiam ao sexo, apenas uma prática que deveria ser relegada a reprodução.

Então, como se deu/dá a sexualidade em meio a tantas limitações? Será que, mesmo em uma sociedade que se auto intitula pós-moderna, é possível se conviver com ações que nem sempre foram aceitas pela comunidade. O que devemos fazer para derrubar os preconceitos e ultrapassar as barreiras da ignorância? Qual o nosso real papel como sujeitos que exercem atividades renegadas pelos demais?

A prostituição e a sodomia, tanto quanto o prazer feminino, foram perseguidos por muito tempo. E nessa perseguição, as pessoas que exerciam tais práticas eram ridicularizadas e diminuídas em meio a sociedade, pois por muito, o ato sexual aceito e permitido, era apenas entre homem e mulher, com vista apenas e unicamente voltado para procriação. Ou seja, o ato sexual, estava limitado apenas a heterossexualidade, com o único intuito pro-criativo, e relegado apenas dentro da instituição matrimonial, o casamento.

A prostituição, que desde as épocas mais remotas, era praticada, manchava o corpo da mulher e da família a qual ela pertencia. Na Idade Média, as prostitutas viviam história de miséria, pobreza, mas também de liberdade. Pois muitas mulheres, viam na prostituição, o encontro com a liberdade e, em muitos casos, possuíam até mesmo certa influência, quando levamos em consideração a história das cortesãs e cafetinas.

Com o passar do tempo, a prostituição continuou marginalizada, porém, encontrou novas formas de comercializar o prazer. E essas novas formas, destacam a vida das mulheres que praticam tal “atividade comercial”. Na atualidade, por exemplo, a miséria não é a única base que leva as mulheres ao tão chamado no passado, meretrício. Hoje, encontramos mulheres cultas, estudadas, saudáveis, de boas famílias, e que em alguns casos, de situação financeira agradável, que se prostituem e investem na profissão, presentes em cursos superiores, de idiomas, e realizando viagens

internacionais. Assim como a Marquesa de Santos, são o braço direito de políticos, empresários, e homens influentes na sociedade. Ao contrário do passado, não são vistas como portadoras de doenças, mas sim como belas moças que acompanham executivos em jantares, e reuniões, etc.. E distintamente do que acontecia na Idade Média, eles não andam ao lado de mendigos. E sim usam roupas de grife, e estão sempre ao lado de seus clientes, atendendo pelo nome de *garotas de programas*.

Os soudomitas, homossexuais, frescos³, ou rapazes alegres e delicados, percorreram caminhos onde eram vistos como aberrações, doentes, anomalias e outros absurdos. Essas concepções, foram fomentadas pela religiosidade e por pessoas que viam essas práticas como aversões amorais que denegriam as instituições familiares e a sociedade. Daí, o preconceito ganhou mais espaço em meio à busca pelo prazer. E diferentemente de Roma, o amor entre iguais passou a ser combatido e visto como distorção sexual.

Já no cenário atual, os homossexuais tentam limpar a sua "mancha" com um certo glamour. Na contemporaneidade, homens e mulheres reescrevem a história daqueles que foram imensamente perseguidos em séculos anteriores. Quero dizer que, não é que o preconceito acabou. Mas em relação ao passado, ele diminuiu em índices consideráveis, se levarmos em consideração o espaço que os *gays* conquistaram, em aspectos políticos, sociais e econômicos. As movimentações públicas, o direito de casamento_ *contrato de união estável*_ em alguns países, os projetos em congressos aprovados, são algumas dessas conquistas. No entanto, muito ainda falta a se conquistar no tocante ao respeito, direito e igualdade.

Nesse cenário contemporâneo, as figuras dos travestis também ganham destaque e muita beleza no universo do homem que se tornara mulher. Em mais um capítulo da história sexual, os travestis, ou transexuais, ao se transformarem em outro gênero, nasciam de novo, assumindo outra identidade e outra maneira de se portar e se representar. E o que há de novo nos dias de hoje, é a circulação desses personagens em forma de "bonecas" ou "cinderelas", em intensa relação com a sociedade abrangente. E assim, não precisa mais se esconder na escuridão da noite. Equilibrando-se em saltos altos, essa nova "mulher" ganha os espaços sociais, e em alguns casos, o respeito de familiares e de toda sociedade.

E o espaço em programas de TV, começa a atrair o tino artístico que esse personagens carregam na veia. Fenômenos como Rogéria, Eloína, Laura de Vison

³Em seu livro, *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*, de 1814, José Viveiros de Castro, Professor de Criminologia na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro empregou, pela primeira vez, um termo pejorativo: fresco.

Patrício Bisso e Roberta Close preenchem os quadros televisivos que exploravam a apresentação de transformistas e abriam espaço para os futuros artistas “transgênicos” que enchiam de brilho das telas de TV das casas de famílias.

E assim, porque não dizer, que ao se transformar em mulher, é buscar sua satisfação sexual. Ao se olhar no espelho, travestis não se vêem como homens, mas através de maquiagens e trejeitos femininos, se reafirmam como um novo ser, que satisfeito por possuir um corpo condizente com seus desejos sexuais, se satisfaz não apenas pelo coito, mas também pelo simples prazer em sentir em si mesmo, o corpo que a o satisfaz e que permite que, exerça o seu desejo sexual.

O termo “homossexualismo” já não é mais aceito por historiadores, médicos, e sociólogos. O novo termo em questão, é homoafetividade, que não causa um mal-estar como o homossexualismo, tão utilizado pela sociedade que denigre a prática ou que simplesmente que desconhece o seu significado. Esse termo, infelizmente, só é visto apenas entre estudiosos que analisam a relação sexual e amorosa entre agentes do mesmo sexo. Por isso, propagar nos dias atuais a real relação vivida por pessoas do mesmo sexo, é de imensa importância sociológica, para combater o preconceito que jamais coube aos que amam sem levar em consideração as instituições morais que a religião e sociedade pregaram.

E por falar em preconceito, não apenas as prostitutas _raparigas, putas, pejorativamente falando_ ou os homossexuais, são vítimas desse mal. Outras pessoas que possuem comportamentos vistos como imorais pela maioria da sociedade, também são denegridos pela prática sexual que praticam. Nesse instante, podemos citar o Onanismo_ coito entre indivíduos heterossexuais que se desenvolve nas regiões erógenas e eróticas da mulher_, Feitichismo_ realização do prazer sexual pelo contemplação de peças íntimas que tenham estado em contato com genitálias_, Sadismo_ prazer sexual decorrente da excitação do indivíduo por lesões corporais ou até pela morte do parceiro ou de outra pessoa que esteja participando do ato sexual_.

Masochismo_ forma de sexualismo desenvolvido por homem ou mulher que só lhes levam ao orgasmo se lhe forem provocadas algum tipo de violência_, Narcisismo_ prazer sexual apenas pelo fato de se observar órgãos eróticos, órgãos e regiões do próprio corpo_, Bestialismo_ relações sexuais com animais_, Sexualismo instrumental_ relação sexual com objetos que imitem órgãos sexuais, como bonecos infláveis_, e a Masturbação_ do latim *manus* (mão), *stuprare* (roubar), a masturbação independente da relação sexual, desenvolve-se na fase da puberdade e mais raramente na fase da pré-puberdade e na infância. É mais nos meninos que nas meninas._ A masturbação do indivíduo só se desenvolve por ação da psique, que imagina ou olha uma figura sexual e cria a fantasia de estar em coito com o imaginário.

Dentre tantas práticas sexuais destacadas, ainda existem outras diversas, que podem ser estimuladas por algum tipo de desvio mental ou emocional, ou simplesmente pelo o indivíduo possuir um desejo sexual diferente dos mais praticados por nossa sociedade. Assim, quanto mais "bizarra" a prática, mais marginalizada ela é.

A sociedade vive desde o século XVIII, com a ascensão da burguesia, uma fase de repressão sexual. Nessa fase, o sexo se reduz a sua função reprodutora e o casal procriador passa a ser o modelo. O que sobra vira anormal, é expulso, negado e reduzido ao silêncio. Mas a sociedade burguesa_ hipócrita_ vê-se forçada a algumas concessões. Ela restringe as sexualidades ilegítimas a lugares onde possam dar lucros, como nas casas de prostituição e hospitais psiquiátricos. A justificativa para isso seria que, em uma época em que a força de trabalho é muito explorada, as energias não podem ser dissipadas nos prazeres. Certo?

Segundo Foucault, está quase tudo errado. A hipótese descrita acima é chamada por ele de hipótese repressiva e vem sendo aceita quase como uma verdade absoluta. Mas Foucault desconstrói esse pensamento e formula uma nova e desconcertante hipótese, mostrando a seus leitores que ainda que certas explicações funcionem, elas não podem ser encaradas como as únicas verdadeiras, pois, segundo ele, a verdade nada mais é do que uma mentira que não pode contestada em um momento.

A Igreja Católica, com a Contra-Reforma, deu início ao processo de incitação dos discursos sobre sexo ao estimular o aumento das confissões ao padre e também a si mesmo. As "insinuações da carne" têm de ser ditas em detalhes, incluindo os pensamentos sobre sexo. O bom cristão deve procurar fazer de todo o seu desejo um discurso. Ainda que tenha havido uma interdição de certas palavras, esta é apenas um

dispositivo secundário em relação a essa grande sujeição, é apenas uma maneira de tornar o discurso sobre sexo moralmente aceitável e tecnicamente útil.

Em um mundo onde o sexo foi proposto por costumes e moralidades para ser utilizado apenas como intermediação procriativa, o seu exercício fora do matrimônio ou entre pessoas do mesmo sexo, causa revolta entre aqueles que defendem a forma tradicional pela qual a sexualidade "deveria" seguir. E assim, práticas tão distintas causam recusa não apenas por suas novidades, mas também por chocarem àqueles que mais conservadores e que consideram certas formas de busca pelo prazer, verdadeiras anomalias humanas.

O meu papel, nesse trabalho, não é o de acusar ou defender as práticas sexuais. Porém, o meu intuito, é de analisar e compreendê-las, como exercícios que têm como objetivo o prazer, e não doenças tão classificadas pela classe médica. Afinal, não podemos deixar de lado a participação dos conceitos médicos e higienistas que também sempre estiveram presentes no ataque a determinadas práticas. Principalmente, quando se tratava do coito com prostitutas. Que por se não bastar serem vistas como mulheres de vida fácil, eram apontadas como portadores de diversas doenças.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar, que aparentemente visam apenas vigiar e reprimir essas sexualidades periféricas, funcionam, na verdade, como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. "Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue - poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir." Prazer e poder se reforçam.

Michel Foucault constrói, portanto, uma nova hipótese acerca da sexualidade humana, segundo a qual esta não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir. Deve, sim, ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências. As sexualidades são, assim, socialmente construídas. Assim como a hipótese repressiva, é uma explicação que funciona. Cada um que aceite a verdade que mais lhe convém. Ou invente novas verdades.

A contribuição desse autor francês, levou diversos historiadores a melhor analisar as práticas sexuais que se alternavam em meio a história. Levando em

consideração, não apenas as suas práticas, como também as causas e conseqüências que as rodeavam, e suas demais relações com o *eu* e o *outro*. E essa contribuição, que esteve presente em três volumes de sua *História de Sexualidade*, como também em *A Ordem do Discurso*, orientou estudiosos na pesquisa e estudos sobre a sexualidade humana, dando um olhar ao que se fez em nome da busca pelo prazer.

A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.

(Michel Foucault)

E assim, a sexualidade começa a ser revista por estudiosos e por praticantes, que passam a perceber que certas práticas não são oriundas de deformações humanas, mas simplesmente resultados de desejos que acompanham a história genética ou cultural de um determinado indivíduo.

E hoje, o sexo é visto não só como algo que deve ser praticado por amor ou por desejo. Mas também, por dinheiro! Exatamente, a prostituição ganhou maiores proporções, e o sexo pago, mais destaque. Na nova roupagem do sexo. Tudo é válido. E os indivíduos não aceitam mais ser marginalizados pelas escolhas que fazem.

Portanto, devemos contribuir para uma melhor aceitação do sexo, seja ele por amor, desejo ou dinheiro... seja ele visto não com maus olhos, mas como algo que é vivido de formas diferentes, de acordo com o *ser próprio*, segundo a maneira que sentimos vontade, ou prazer

BIBLIOGRAFIA

MORAIS, Dustan Vasconcelos de. *Faculdades do Sexo: Corpo e Espírito*. Recife. Ed Bagaço, 2002. 267 p.

PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. São Paulo. Ed. Contexto, 2006, 2ª edição. 330 p

SILVA, Hélio R. S. & Florentino, Cristinha de Oliveira. *A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações*. Sexualidades Brasileiras. Richard Parker e Regina Maria Barbosa (orgs.). Rio de Janeiro. Ed Relume-Dumará. 1996 14 p.

MURARO, Rose Marie. *Os seis meses em que fui homem*. Rio de Janeiro. 4ª edição. Ed. Rosa dos Tempos. 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. O uso dos prazeres*. Trad. Rio de Janeiro. Ed Graal, 1984.